



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

FAZENDA BAIXA DE AREIA (1959 – 1988): LUGAR DE MEMÓRIA E IDENTIDADE

Sônia Iraína Roque Andrade*

RESUMO

Considerando a Fazenda Baixa de Areia, como lugar de memória e identidade, o presente projeto tem por objetivo geral registrar e analisar de que forma a assunção das lembranças, sentimentos, impressões e concepções dos sujeitos possibilitados pela convergência da memória familiar construída a partir dos ditos e não ditos concorrem para legitimar a lembrança e o esquecimento de fatos do passado que pulsam no seio do presente tempo, na eminência de construir e reconstruir a história da Fazenda Baixa de Areia. Para tal intento, percorrerá os caminhos metodológicos da história cultural. A pretensão do presente projeto se coloca à disposição do interesse pessoal pelo recorte temático apresentado as memórias e as lembranças da família vividas nesta fazenda, que a princípio é composta pelo o casal e seus nove filhos, incluindo aqui a autora deste projeto.

PALAVRAS-CHAVE: Fazenda Baixa de Areia, Lugar de Memória, História Oral

INTRODUÇÃO

Considerando ser imprescindível preservarmos, para as gerações futuras, aquilo pelo qual alguém lutou e dedicou toda a sua existência, buscamos suporte em Bosi (2007, p.399), “aquilo que se viu e se aprendeu bem, aquilo que custou anos de aprendizado e que afinal sustentou uma existência passa (ou deveria passar) a outra geração como um valor”, para apresentarmos nosso objeto de estudo: a Fazenda Baixa de Areia.

A fazenda Baixa de Areia, segundo seu fundador, José Roque, teve seu início a partir das terras recebida de herança de seus pais, no ano de 1959, no mesmo ano em que ele contraiu casamento com a senhora Guiomar Pereira da Silva.



Inicialmente, era apenas uma pequena área que aos poucos foi crescendo através de compras efetuadas pelo seu proprietário, de lotes ao entorno da mesma. Atualmente a sua extensão perfaz 500 hectares.

O nome Baixa de Areia deve-se ao fato de que no meio destas terras, existir uma baixada, que no período chuvoso, com as enchentes, torna-se em rio que atravessa horizontalmente toda a área da fazenda. Já no período da seca (de maior predominância) quando o rio vai “embora” aparece uma grande porção de areia branca.

A fazenda Baixa de Areia se destacou nos anos de 1980 como a maior produtora de feijão da Região Noroeste do Estado da Bahia. Período em que foi palco de muita movimentação. No tempo da colheita era comum encontrar mais de 80 pessoas (homens e mulheres) diariamente trabalhando por lá. Esta era uma época bastante agitada, trabalhosa, mas alegre, onde podia-se ouvir pessoas cantando músicas antigas, dançando no meio das fileiras do feijão, brigando e dando muitas risadas.

O momento mais esperado era o horário do almoço, pois era marcado pela as estórias ouvidas sobre caipora, sobre as aventuras dos caçadores e suas conquistas e também sobre aparição das pessoas que morreram, que alguns dos que se faziam ali presentes, afirmavam com todas as forças que haviam se encontrado e conversando com alguém que já havia morrido. Estas estórias eram contadas com tanta riqueza de detalhes que povoavam o imaginário de todos os ouvintes, de tal forma, que muitas vezes, nos deparávamos com alguém que afirmava ter visto uma caipora perto do rio da Fazenda Baixa de Areia e a descrevia tal qual havia ouvido em dias anteriores.

Outro momento bastante esperado eram os dias de mutirões (conhecido na região como batalhão) onde os amigos do senhor José Roque no intuito de contribuir com o mesmo, se uniam e iam um sábado fazer a colheita, neste dia, as pessoas geralmente trabalhavam até as 15h e depois eram agraciados com uma grande festa, com comidas, bebidas e muita dança, a qual se estendia até altas horas.

Em acréscimo as informações supracitadas, faz-se necessário mencionar que a referida fazenda é o cenário onde seus proprietários tiveram e criaram seus 9 (nove) filhos.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

O recorte temporal (1959 a 1988) foi definido pelos marcos que consideramos ser relevantes para a fazenda Baixa de Areia. O ano de 1959 marca o início da fundação da mesma e o ano de 1988 é marcado pelo o acometimento da doença no senhor Jose Roque que se viu obrigado a se afastar daquela, que para ele, sempre foi motivo de muito orgulho.

A pretensão do presente projeto se coloca à disposição do interesse pessoal pelo recorte temático apresentado as memórias e as lembranças da família vividas nesta fazenda, que a princípio é composta pelo o casal e seus nove filhos, incluindo aqui a autora deste projeto.

Destacamos que devemos considerar as palavras deHalbwachs (2006), quando afirma que a duração de uma memória está limitada à duração da memória do grupo. Isso significa dizer que há necessidade de preservação de elos entre os integrantes de um grupo para que a sua memória permaneça.

Ressaltamos ainda que a importância de registrar e analisar as memórias dos sujeitos integrantes da família Roque no que se refere à construção da Fazenda Baixa como lugar de memória e de identidade, é chamar à vida as lembranças e esquecimentos residentes do passado e zelar pela ressignificação do ontem, buscando costurar ao tempo presente, no intuito de arrematar o necessário sentimento de pertença e o desafio de compor uma identidade familiar. E assim, quem sabe corroborar para a compreensão das futuras gerações, bem como a sociedade local e regional sobre a importância da mesma não apenas como um bem material, mas como um lugar de memória.

Reiteramos que a importância da investigação ora proposta, se justifica a partir da ideia de Pollak em sua obra Memória, Esquecimento, Silencio (1989), quando assim afirma:

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. (POLLAK, 1989, p.7)



Por fim, é importante destacar também, as ideias de Pierre Nora (1993), que em sua obra *Entre memória e história – a problemática dos lugares*, nos apresenta o conceito de lugares de memória, que será utilizado como guia deste estudo e para quem ainda

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações” (NORA, 1993, p. 9)

Diante do exposto, o conhecimento e posse da memória da Fazenda Baixa de Areia potencializam a promoção de uma consciência de pertença e de uma identidade familiar mais íntegra e inteira.

O objeto de pesquisa se desenha a partir do recorte da memória, que trazem o intento de inventariar a memória dos sujeitos em questão sobre a Fazenda Baixa de Areia, com o auxílio da História Oral, com vistas a levantar quais concepções, princípios, objetivos, receios, contradições, limites e possibilidades foram construídos e vivenciados, que se tornaram sustentáculo do sentimento de identidade de um grupo.

Assim, nossa preocupação problematizadora frente ao objeto defendido para estudo se deve ao imperativo da memória que nos impulsiona a rememorar o processo de implementação e consolidação da Fazenda Baixa de Areia, bem como o grau de pertencimento de um grupo com o intuito de responder as inquietações e dúvidas que giram em torno do seguinte problema: de que forma à assunção das lembranças, sentimentos, impressões e concepções dos sujeitos possibilitados pela convergência da memória familiar construída a partir dos ditos e não ditos concorrem para legitimar a lembrança e o esquecimento de fatos do passado que pulsam no seio do presente tempo, na eminência de construir e reconstruir a história da Fazenda Baixa de Areia?

Na busca de resposta à questão de pesquisa, o objetivo geral desse estudo é registrar e analisar de que forma à assunção das lembranças, sentimentos, impressões e concepções dos sujeitos possibilitados pela convergência da memória familiar construída a partir dos ditos e



não ditos concorrem para legitimar a lembrança e o esquecimento de fatos do passado que pulsam no seio do presente tempo, na eminência de construir e reconstruir a história da Fazenda Baixa de Areia. (POLLAK, 1989).

Para tanto, se faz necessário percorrer o caminho de se alcançar alguns objetivos específicos.

- Registrar na forma escrita e na forma de imagens as memórias dos sujeitos sobre os principais acontecimentos vivenciados na Fazenda Baixa de Areia;
- Verificar em que medida essas memórias foram importantes para construção de sua identidade;
- Preservar a memória dos personagens vividos na Fazenda Baixa de Areia;
- Homenagear seu fundador.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O ponto de partida que permeará o presente projeto é a reflexão de Pierre Nora (1993) acerca dos lugares de memória. O entendimento deste conceito é fundamental para o desenvolvimento de nosso objeto de estudo aqui apresentado: as memórias dos sujeitos em relação a Fazenda Baixa de Areia.

Este autor, ao abordar sobre lugares de memória, chama-nos a atenção para

os três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma áurea simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. (NORA, 1993, p21).

Estes três aspectos coexistem e nos possibilita a transmissão de memórias de acontecimentos e experiências vividas e carregadas de sentimentos e imaginação. Além disso, nos possibilita a compreensão de que, independente do espaço, este pode ser considerado um



local de memória, desde que nele, estejam presentes estas características ou uma delas, e ainda quando nele encontramos vestígios do tempo, de vivências e momentos extremamente significativos para um sujeito, um grupo, uma nação.

Ainda conforme o autor, para que as memórias do passado, sejam preservadas e reconstruídas no presente, é preciso que se nutra as mesmas de significado e sentido, expressando este sentimento através das comemorações, lembranças e valorização. Neste sentido o autor afirma:

os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não naturais. É por isso a defesa pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. Sem vigilância comemorativa, a história depressa as varreria. São bastiões sobre os quais se escora. Mas se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de constituí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que elas envolvem, eles seriam inúteis. (NORA, 1993: 13).

Nora (1993), nos apresenta ainda alguns espaços que em sua visão são considerados lugares de memórias e neste contexto inserimos a Fazenda Baixa de Areia saber:

Museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processo verbais, monumentos, santuários, associações, são os marcos testemunhas de uma outra era, das ilusões de eternidade,. Daí o aspecto nostálgico desses empreendimentos de piedade, patéticos e glaciais. São os rituais de uma sociedade sem ritual; sacralizações passageiras numa sociedade que dessacraliza; fidelidades particulares de uma sociedade que aplaina os particularismos; diferenciações efetivas numa sociedade que nivela por princípio; sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos” (NORA, 1993: 13).



Com isso o autor nos ajuda a entender que, registrar a memória de uma família através de um espaço, é buscar reconstruir o passado por intermédio dos pontos de referência (HALBWACHS, 2006) que une e identifica os indivíduos como pertencentes a um determinado grupo. Concordando com o exposto, Bosi (2007) afirma que

as lembranças do grupo doméstico persistem matizadas em cada um de seus membros, e constituem uma memória ao mesmo tempo una e diferenciada. Trocando opiniões, dialogando sobretudo, suas lembranças guardam vínculos difíceis de separar. Os vínculos podem persistir, mesmo quando se desagregou o núcleo onde sua história teve origem. Esse enraizamento num solo comum transcende o sentimento individual. (BOSI, 2007, p.423).

Assim podemos observar que as experiências vividas em família irão nos acompanhar durante toda nossa existência, pois como ainda nos alerta a autora “o espaço que encerrou os membros de uma família durante anos comuns, há de contar-nos algo do que foram essas pessoas. Porque as coisas que modelamos durante anos resistiram a nós com sua alteridade e tomaram algo do que somos”. (BOSI, 2007, p.443).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Pensar em um método é pensar nas estratégias que irão nos auxiliar a percorrer o caminho em busca de respostas para nossos questionamentos. Assim, devemos ter consciência que o método escolhido é o melhor para o desenvolvimento de nossa investigação. Pois, como nos alerta Pesavento (2005):

Método fornece ao historiador meios de controle e verificação, possibilitando uma maneira de mostrar, com segurança e seriedade, o caminho percorrido, desde a pergunta formulada à pesquisa de arquivo, assim como a estratégia pela qual fez a fonte falar, produzindo sentidos e revelações. (PESAVENTO, 2005, p.66).



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Portanto, para a realização da presente investigação utilizamos principalmente o subsídio das fontes orais, mediante o aporte da história oral enquanto procedimento técnico de investigação das memórias dos sujeitos sobre a Fazenda Baixa de Areia.

Em complemento à utilização das fontes orais, também analisamos os principais documentos referentes a Fazenda, a família, fontes iconográficas (fotos, vídeos) e revisão de literatura na área de Memória.

Destacamos a escolha de nossa orientação pela abordagem da história cultural, pois uma das suas “características foi (é) trazer à tona o indivíduo, como sujeito da história, recompondo histórias de vidas, particularmente, daqueles egressos das camadas populares, (PESAVENTO, 2005, p 118), sendo apropriado apoiarmo-nos no suporte da pesquisa bibliográfica, em paralelo à análise das fontes primárias documentais e da técnica de pesquisa referente à entrevista oral (MEIHY e HOLANDA, 2007), instrumento central do estudo aqui projetado, tendo em vista colher dados vivos da realidade concreta.

Em acréscimo, a realização das entrevistas orais será feita mediante a gravação da imagem e do som em mídia eletrônica. Quanto à quantidade dos sujeitos entrevistados, é composta pela esposa e os oito filhos do casal.

CONCLUSÕES

As entrevistas estão sendo colhidas oralmente, com o uso do gravador, mediante um roteiro semiestruturado, contendo eixos norteadores onde cada participante, fala sobre fatos, momentos, episódios singulares que marcaram suas vidas, os quais contribuíram para a construção de sua identidade.

Destacamos, também, que os estudos teóricos já realizados apontam para o importante significado da análise que envolve os elementos que constituem as lembranças e memórias na efetivação da identidade e marcas que representam a trajetória de vida dos sujeitos.

Acreditamos que ao serem indagados sobre os fatos vivenciados durante infância, adolescência, na fazenda Baixa de Areia, os participantes dessa pesquisa, pontuarão aqueles



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

fatos que foram essenciais na construção de sua identidade e assim estarão reconstruindo suas trajetórias de vida.

REFERÊNCIAS

- ARÉVALO, M. C. da M. **Lugares de memória ou a prática de preservar o invisível através do concreto.** Disponível em:<[file:///D:/Downloads/MarciaDaMassena%20\(1\).pdf](file:///D:/Downloads/MarciaDaMassena%20(1).pdf)>. Acesso em 28 de maio de 2014.
- BOSI, E. **Memória e Sociedade - lembranças de velhos**, 3.ed São Paulo: Companhia das Letras, 2007, 484p.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- MEIHY, J. C. S. B. e HOLANDA, F. **História oral: como fazer, como pensar.** São Paulo, Contexto, 2007.
- NORA, P. **Entre memória e história** – a problemática dos lugares. Disponível em:<<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>>. Acesso em 05 de abril de 2014.
- PESAVENTO, S. J. **História & história cultural.** Belo Horizonte: autêntica, 2004.
- POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. Disponível em:<<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2278>>. Acesso em 05 de abril de 2014